



Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire

Autor: James R. Ryan

Editorial: The Chicago University Press (Chicago)

Año: 1997

ISBN: 9781861890092

Páginas: 272

Nas últimas décadas, o estudo da fotografia em contexto colonial tem-se afirmado como uma profícua linha de investigação dos legados históricos dos impérios coloniais, dado que a fotografia foi um dos resultados mais evidentes da cultura material dos impérios dos séculos XIX e XX. Tal como Susan Sontag (1978, p. 3; 2015, p. 11) escreveu, “coleccionar fotogra-

fias é coleccionar o mundo”. Em maio de 1988 realizou-se o workshop *Photographs as Sources for African History* na School of Oriental and African Studies (University of London), organizado por David Killingray e Andrew Roberts. Dos participantes, destacam-se Christraud M. Geary, Christopher Pinney, Elizabeth Edwards – investigadores que têm estudado nos últimos anos o cruzamento entre fotografia e colonialismo –, bem como Jill Dias, pioneira no estudo da fotografia em contexto colonial português (Dias, 1991). No ano seguinte, as comunicações foram publicadas em livro com o mesmo título do workshop (Roberts, 1989).

Entre finais da década de 1980 e inícios da década de 1990 assistiu-se a um ponto de viragem no estudo da fotografia em contexto colonial. Numa possível genealogia de estudos que cruzam fotografia e colonialismo, deve fazer-se referência aos artigos de Christraud M. Geary (1986), “Photographs as Materials for African History”, e de Beatrix Heintze (1990), “In Pursuit of a Chameleon”, bem como ao livro editado por Elizabeth Edwards (1992) *Anthropology and Photography, 1860-1920* (1992) e à obra seminal de Christopher Pinney (1997), *Camera Indica*. É nesta conjuntura que se deve entender a publicação do primeiro livro de James R. Ryan, *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*.

James R. Ryan faz parte da lista de destacados autores que têm privilegiado o estudo da fotografia em contexto colonial. Atualmente Professor na

University of Exeter, Reino Unido, onde leciona Historical and Cultural Geography, doutorou-se em Londres, em 1994, onde defendeu uma tese sobre a relação entre a fotografia, a geografia e o império entre 1840 e 1914 (Ryan, 1994).

O livro *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire* aborda o cruzamento entre fotografia, império e colonialismo, temas que o autor tem vindo a estudar até ao presente (veja-se a título de exemplo: Ryan, 2005, Ryan, 2013, Ryan e Schwartz, 2013, Ryan, 2014 ou Ryan, 2016). O livro está estruturado em seis capítulos temáticos e alicerçados em estudos de caso, nomeadamente: 1) “Exploring Darkness”; 2) “Framing the View”; 3) “The Art of Campaigning”; 4) “Hunting with the Camera”; 5) “Photographing the Natives” e, 6) “Visual Instructing”. Os temas analisados espelham os diferentes usos dados à fotografia em contexto colonial. Em comum, uma necessidade de identificação e classificação dos territórios e dos seus habitantes ao serviço do conhecimento e da propaganda. No capítulo 5, o autor explora a fotografia ao serviço da antropologia física que ajudou a fundamentar e a divulgar preconceitos raciais popularizados entre os séculos XIX e XX e, por isso, talvez um dos temas que levanta mais problemas éticos devido à forma como o Ocidente categorizou os nativos em *tipos*.

Embora sem uma cronologia evidente, o livro percorre cerca de um século, num período fulcral de consolidação da fotografia e dos impérios co-

loniais. Essa singularidade temporal justifica, em parte, a forma como rapidamente a fotografia foi utilizada por diferentes instituições de conhecimento e poder, incluindo igualmente a monarquia. Ryan recua a 1839, não só por ser o ano chave da invenção da fotografia, mas também a data da British Antarctic Expedition liderada pelo astrónomo inglês John Herschel que tentou, sem sucesso, levar equipamento fotográfico (Ryan, 1997, p. 28). A fotografia mais contemporânea reproduzida no livro data de 1931 (Ryan, 1997, p. 12, fig. 1). Trata-se de uma fotografia da tetravó do autor, sentada num riquexó em Durban, África do Sul. Esta fotografia, proveniente de um contexto familiar e pessoal, distingue-se das restantes 91 imagens (fotografias, mas também gravuras, mapas e pinturas) reproduzidas no livro. Ryan aborda, sob uma perspetiva histórica, as imagens como objetos de poder que integraram uma narrativa política (e imperial), leitura próxima do livro de John Tagg (1988) *The Burden of Representation*. As fotografias provêm, sobretudo, de expedições científicas e campanhas militares que usaram a fotografia como um inventário visual (Ryan, 1997, p. 23). As legendas das imagens não referem dois dados importantes, *medium* e proveniência (que um índice de imagens poderia resolver). Nesse sentido, o livro peca por minorar a materialidade das imagens – um dos aspetos mais importantes no estudo da fotografia em contexto colonial – e a sua própria história ao não enfatizar os múltiplos

arquivos onde estas se encontram depositadas¹.

Partindo do mote de geografias imaginadas, termo utilizado por Edward W. Said (1978) na sua obra seminal *Orientalism*², James R. Ryan aborda o vasto império britânico recorrendo a estudos de caso em espaços geográficos bastante distintos como África, China e Índia. Tal só é possível por o autor assumir uma perspectiva dos usos da fotografia ao serviço do império. Apesar de não ser uma mera leitura superficial das imagens, por vezes Ryan secundariza as opções estéticas dos fotógrafos em detrimento dos contextos de produção que determinaram a realização das fotografias. Não obstante, nas imagens 91 e 92 (Ryan, 1997, pp. 220-221), o autor analisa como uma mesma imagem foi usada em momentos e suportes distintos, aquilo que a bibliografia sobre cultura visual tem designado por *intermediality*, ou seja, uma coexistência intermediária de uma imagem e que, em muitos casos, foi utilizada com significados e para públicos diferentes (ver, por exemplo: Eilittä, 2012 e, para o caso português, Martins, 2012).

O autor demonstra também que a fotografia deve ser integrada numa cultura visual e textual mais abrangente, não devendo ser dissociada de outras formas de conhecimento, como exposições, livros, jornais e relatórios. Ryan destaca o trabalho desenvolvido pelo Colonial Office Visual Instruction Committee (COVIC) entre 1902 e 1918

na criação e promoção de livros ilustrados e lições com lanternas mágicas que visavam divulgar as colónias às crianças da metrópole e a metrópole às crianças das colónias, numa tentativa de demonstrar uma visão unificada do império (Ryan, 1997, p. 211).

O livro *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire* é um estudo bem fundamentado onde o autor defende a tese de que a fotografia esteve de múltiplas formas ao serviço do império e da “missão civilizadora”. Embora tenda a ser uma visão meramente metropolitana – não havendo referências de como as populações “colonizadas” viram ou usaram a fotografia – o livro foi pioneiro e continua a ser fundamental para o estudo da fotografia em contexto colonial.

Inês Gomes

Instituto de Ciências Sociais

Referências

- Dias, Jill, 1991. “Photographic Sources for the History of Portuguese Speaking Africa, 1870-1914”, *History of Africa*, 18, pp. 67-82.
- Edwards, Elizabeth, ed., 1992, *Anthropology and Photography, 1860-1920*. Yale University Press, New Haven, CT.
- Eilittä, Leena, 2012. “Introduction: From Interdisciplinarity to Intermediality”, in Leena Eilittä, Liliane Louvel e Sabine Kim (eds.), *Inter-*

¹ A ideia de arquivo como objeto histórico foi desenvolvido poucos anos depois por Stoler, 2002.

² Publicado em Portugal em 2004 pela editora Livros Cotovia e reeditado em 2021 pelas Edições 70.

- medial Arts: Disrupting, Remembering and Transforming Media*. Cambridge Scholars Publishing, Newcastle upon Tyne, pp. vii-xiii.
- Geary, Christraud M., 1986, "Photographs as Materials for African History Some Methodological Considerations", *History in Africa*, 13, pp. 89-116.
- Heintze, Beatrix, 1990. "In Pursuit of a Chameleon: Early Ethnographic Photography from Angola in Context", *History in Africa*, 17, pp. 131-156.
- Martins, Leonor Pires, 2012. *Um Império de Papel. Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*. Edições 70, Lisboa.
- Pinney, Christopher, 1997. *Camera Indica: The Social Life of Indian Photographers*. The Chicago University Press, Chicago.
- Roberts, Andrew, ed., 1989, *Photographs as sources for African History*. School of Oriental and African Studies, London.
- Ryan, James R. e Joan M. Schwartz eds., 2013, *Picturing Place: Photography and the Geographical Imagination*. IB Tauris, Londres.
- Ryan, James R., 1994. "Photography, Geography and Empire, 1840-1914". Tese de Doutoramento. University of London.
- Ryan, James R., 1997. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. The Chicago University Press, Chicago.
- Ryan, James R., 2005. "Photography, Visual Revolutions and Victorian Geography", in David N. Livingstone e Charles W. J. Withers (eds.), *Geography and Revolution*. The University of Chicago Press, Chicago, pp. 199-238.
- Ryan, James R., 2013. *Photography and Exploration*. Reaktion Books, Londres.
- Ryan, James R., 2014. "Introdução. Fotografia Colonial", in Filipa Lowndes Vicente (ed.), *O Império da Visão. Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, pp. 31-42.
- Ryan, James R., 2016. "Photography and Empire", in John M. Mackenzie (ed.), *The Encyclopaedia of Empire*. Wiley, Londres.
- Said, Edward W., 1978. *Orientalism. Western Conceptions of the Orient*. Routledge and Kegan Paul, Londres.
- Sontag, Susan, 1978. *On Photography*. Penguin Books, Londres.
- Sontag, Susan, 2015. *Ensaios sobre fotografia*. Quetzal, Lisboa.
- Stoler, Ann Laura, 2002. "Colonial Archives and the Arts of Governance", *Archival Science*, 2, pp. 87-109.
- Tagg, John, 1988. *The Burden of Representation. Essays on Photographies and Histories*. The Macmillan Press, Londres